

uma nova promessa  
trilogia o hotel das recordações  
nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para Suzanne, a gerente perfeita.*



*Melhorar é mudar;  
Ser perfeito é mudar frequentemente.*

— WINSTON CHURCHILL



## CAPÍTULO UM

Com alguns gemidos e suspiros, o velho edifício aprontou-se para a noite. Sob o céu repleto de estrelas, as suas paredes brilhavam, erguidas sobre a praça de Boonsboro como acontecia havia mais de dois séculos. Até os cruzamentos estavam agora tranquilos, prolongando-se em contrastes de sombra e luz. Todas as janelas e vitrinas ao longo da rua principal pareciam estar adormecidas, satisfeitas por descansar no conforto da suave brisa daquela noite de verão.

*Devia fazer o mesmo*, pensou Hope. Acalmar, estender-se e dormir.

Seria o mais sensato a fazer e ela considerava-se uma mulher sensata. Mas o longo dia deixara-a inquieta e, recordou, Carolee chegaria cedo para tratar dos pequenos-almoços.

A gerente podia dormir até mais tarde.

De qualquer modo, passava pouco da meia-noite. Quando morara e trabalhara em Georgetown, raramente conseguira deitar-se assim tão cedo. Claro que, na altura, estava à frente do Wickham, e se não estivesse a resolver algum pequeno problema ou a tratar do pedido de um hóspede, estaria a desfrutar da vida noturna.

A vila de Boonsboro, enfiada no sopé da cordilheira Blue Ridge, a norte de Maryland, podia ter uma história rica e lendária, tinha certamente os seus encantos, entre os quais o agora renovado hotel que Hope geria, mas não era conhecida pela sua vida noturna.

Isso mudaria um pouco quando a sua amiga Avery abrisse o restaurante-bar. E seria divertido ver o que faria Avery MacTavish com o seu novo negócio, que ficava mesmo ao lado do hotel e em frente à pizzeria de Avery, do outro lado da praça.

Antes do final do verão, Avery estaria à frente da gerência de dois restaurantes, pensou Hope.

E diziam as pessoas que *ela é* que superava as expectativas!

Olhou em redor, para a cozinha limpa, brilhante, quente e acolhedora. Ela já cortara a fruta, verificara a mercadoria e reabastecera o frigorífico. Estava tudo a postos para que Carolee pudesse preparar o pequeno-almoço para os hóspedes naquele momento fechados nos seus quartos.

Já tratara também da papelada, verificara todas as portas e fizera as suas rondas em busca de pratos, ou de qualquer outra coisa, fora de sítio. Dever cumprido, disse para os seus botões, mas ainda não se sentia pronta para se retirar para o seu apartamento no segundo piso.

Serviu-se de um generoso copo de vinho e fez uma última passagem pelo vestíbulo, desligando o lustre sobre a mesa de centro com as suas exuberantes flores de verão.

Atravessou o arco e verificou uma última vez a porta da rua antes de se virar para as escadas. Deslizou suavemente os dedos pelo corrimão de ferro.

Já verificara a biblioteca, mas voltou a fazê-lo. Não se tratava de obsessão, disse a si mesma. Um hóspede podia ter entrado em busca de um copo de whisky, ou de um livro. Mas a sala estava em silêncio, tranquila como as restantes.

Hope olhou para trás. Tinha hóspedes naquele piso. Donna e Max Vargas, casados há vinte e sete anos. A noite no hotel, no quarto Nick & Nora, fora um presente de aniversário da filha para Donna. Não era amoroso?

Os outros hóspedes, na suite Westley & Buttercup do piso acima, haviam escolhido o hotel para a noite de núpcias. Ela estava convicta de que os recém-casados, April e Troy, levariam boas e duradouras memórias com eles.

Verificou a porta para o alpendre do primeiro piso e depois, num impulso, destrancou-a e saiu para saborear a noite.

Com o copo de vinho na mão, atravessou o amplo alpendre de

madeira e encostou-se à balaustrada. Do outro lado da praça, o apartamento sobre a pizzeria Vesta estava escuro... e vazio, agora que Avery se mudara para casa de Owen Montgomery. Hope era capaz de admitir, pelo menos para si mesma, que sentia falta da presença da amiga perto de si, do outro lado da rua principal.

Mas Avery estava precisamente onde era o seu lugar, decidiu Hope: com Owen, o seu primeiro e, pelos vistos, último namorado.

Que romântico.

E ela ia ajudar a organizar um casamento — noiva de maio, flores de maio — ali mesmo no pátio, como acontecera com o de Clare na última primavera.

Pensando nisso, Hope olhou em direção à livraria de Clare. A Turn the Page fora uma aposta arriscada para uma jovem viúva com dois filhos e outro a caminho. Mas Clare tinha o dom de fazer as coisas funcionarem. Agora era Clare Montgomery, mulher de Beckett. E quando chegasse o inverno, receberiam mais um bebé na família.

Era curioso, o facto de as suas duas melhores amigas viverem há tanto tempo em Boonsboro e ela só se ter mudado para lá no ano anterior. Era a novidade da vila.

Agora, das três, Hope era a única que morava no centro.

Era uma tolice sentir a falta delas, quando as via quase todos os dias, mas nas noites em que se sentia mais agitada desejava tê-las por perto.

Tanta coisa mudara, para todas, no decurso do último ano.

Hope tivera uma vida boa em Georgetown, com a sua casa, o seu trabalho, a sua rotina. Com Jonathan, o filho da mãe que a traíra.

Fizera planos concretos para o futuro, sem pressas, sem precipitações; planos sérios. O Wickham havia sido o seu lugar. Conhecera os ritmos, as exigências, as necessidades do hotel. E fizera um excelente trabalho para os Wickham e o seu cretino filho traidor, Jonathan.

Planeara casar-se com ele. Não, não houvera um noivado oficial, nem promessas concretas, mas o casamento e um futuro em comum haviam estado sobre a mesa.

Ela não era nenhuma imbecil.

E todo o tempo em que haviam estado juntos, ou pelo menos nos últimos meses da relação, em que ele dormira na cama dela, ou ela na dele, Jonathan andara com outra pessoa. Alguém do seu elevado estrato social, refletiu ela com rancor. Alguém que não trabalhava dez, ou doze

horas por dia, muitas vezes mais, para gerir o hotel de luxo, mas que se hospedava no mesmo, na suite mais sumptuosa, evidentemente.

Não, ela não era nenhuma imbecil, mas fora demasiado ingénua e ficara humilhanamente chocada quando Jonathan lhe dissera que iria anunciar o seu noivado, com outra pessoa, no dia seguinte.

Humilhanamente chocada, pensou Hope novamente, especialmente porque ele lho dissera quando estavam ambos nus na sua cama.

Mas também ele ficara chocado quando ela o expulsara de sua casa. Parecera sinceramente não entender a necessidade de mudar alguma coisa na relação entre os dois.

Aquele momento precipitara muitas mudanças.

Agora era gerente do Hotel BoonsBoro, morava numa pequena vila em Maryland Ocidental, muito longe das luzes brilhantes da grande cidade.

Ela não passava o tempo livre que tinha a organizar jantarinhos especiais, nem a correr lojas à procura dos sapatos perfeitos e do vestido perfeito para o evento seguinte.

Sentia falta de tudo isso? Da sua boutique de sempre, do restaurante favorito, dos bonitos tetos altos e do pequeno pátio cercado de flores de sua casa? Ou da pressão e da excitação de ter de preparar o hotel para as visitas de dignitários, celebridades e magnatas?

Às vezes, admitiu Hope. Mas não tantas quantas previra, nem com a intensidade que imaginara.

Porque estivera satisfeita com a sua vida pessoal, sentira-se desafiada no campo profissional e o Hotel Wickham fora o seu lugar. Mas ela descobrira uma outra coisa nos últimos meses. Ali, em Boonsboro, não se sentia simplesmente satisfeita, mas feliz. O hotel não era simplesmente o seu lugar, mas a sua casa.

Tinha de dar graças às amigas por isso, bem como aos irmãos Montgomery e à sua mãe. Justine Montgomery havia-a contratado sem pensar duas vezes. Na altura Hope não conhecia suficientemente bem Justine para ficar perplexa com a rápida proposta. Mas conhecia-se muito bem e continuava a espantar-se com a rapidez e a impulsividade da sua resposta.

De oito para oitenta? Tinha sido mais de zero para noventa e as coisas continuavam a mudar.

Ela não se arrependia do impulso, da decisão, do passo que dera.

Recomeços não haviam estado nos seus planos, mas ela era boa a ajustá-los. Graças aos Montgomery, o hotel cuidadosamente restaurado era agora a sua casa e a sua carreira.

Hope percorreu o alpendre, verificando as floreiras suspensas, ajustando minuciosamente o ângulo de uma cadeira.

— E adoro cada milímetro deste hotel — murmurou ela.

Uma das portas que dava acesso ao quarto Elizabeth & Darcy abriu-se. O aroma a madressilvas pairou no ar da noite.

Aparentemente não era a única pessoa inquieta ali, pensou Hope. Mas também não sabia se os fantasmas dormiam. Ela duvidava que o espírito que Beckett apelidara de Elizabeth, por causa do quarto que costumava habitar, lhe respondesse a tal pergunta. Até então, Lizzy não se dignara falar com a sua colega de hotel.

Hope sorriu ao pensar na designação e bebericou o vinho.

— Está uma noite muito agradável. Estava a pensar no quão diferente está agora a minha vida e, no final de contas, no quão feliz estou por isso. — Hope falava num tom sereno e afável. Afinal, a pesquisa que havia feito com Owen sobre a hóspede permanente tinha revelado que Lizzy, ou Eliza Ford em vida, era um dos antepassados de Hope.

Na opinião de Hope, os familiares deviam ser serenos e afáveis entre si.

— Temos recém-casados na W&B. Parecem tão felizes, tão frescos e jovens. O casal no N&N está a comemorar os cinquenta e oito anos da senhora. Não parecem jovens, mas parecem felizes e são extremamente simpáticos. Gosto de lhes proporcionar um lugar especial para pernoitarem, uma experiência especial. É nisso que sou boa.

O silêncio permanecia, mas Hope sentia a presença dela. Era amigável, constatou. Estranhamente amigável. Eram apenas duas mulheres a contemplarem a noite.

— A Carolee chega amanhã cedinho. É ela quem vai preparar os pequenos-almoços e eu tenho a manhã de folga. Bem. — Levantou o copo. — Um pouco de vinho, um pouco de introspeção, um pouco de autocomiseração até chegar à conclusão de que não tenho motivo algum para sentir pena de mim mesma. — Com um sorriso, Hope bebericou novamente. — Portanto, um bom copo de vinho. Depois disto tudo, o melhor é ir deitar-me.

Porém, demorou-se mais um pouco na serena noite de verão, envolta pelo aroma a madressilvas.

Quando Hope desceu de manhã, o aroma era de café acabado de fazer, bacon frito e, se o olfato não lhe falhava, das panquecas de maçã e canela de Carolee. Ouviu conversa descontraída na sala de jantar. Donna e Max combinavam um passeio pela vila antes de regressarem a casa.

Hope percorreu o corredor em direção à cozinha para ver se Carolee precisava de ajuda. A irmã de Justine havia cortado o belo cabelo louro para o verão e exibia uma sedutora franja sobre os alegres olhos cor de avelã. Olhou sorridente para Hope enquanto lhe acenava com um dedo.

— O que estás a fazer aqui em baixo, minha menina?

— São quase dez.

— E é a tua manhã de folga.

— Que passei, até agora, a dormir até às oito, a fazer ioga e a mandarriar. — Serviu-se de uma caneca de café e fechou os seus olhos castanhos-escuros enquanto o bebericava. — O meu primeiro café do dia. Porque é que é sempre este que sabe melhor?

— Quem me dera saber. Continuo a tentar mudar para o chá. A minha Darla anda com a mania da vida saudável e está a tentar arrastar-me com ela. — Carolee referiu-se à filha com afeto e alguma exasperação. — Gosto bastante da mistura Titania & Oberon. Mas... não é café.

— Nada se compara ao café.

— Sem dúvida. Ela está em pulgas para que abra o novo ginásio. Diz que se eu não me inscrever nas aulas de ioga, me inscreve ela e me arrasta até lá.

— Vais adorar o ioga. — Hope riu-se com a dúvida e a ansiedade patentes no rosto de Carolee. — Verdade.

— Hum. — Carolee pegou no pano da louça e continuou a limpar o balcão de granito. — Os Vargas adoraram o quarto e, como habitualmente, a casa de banho, com a sua sanita mágica, fez furor. Ainda não ouvi nada dos recém-casados.

— Ficaria dececionada com eles, se tivesses ouvido. — Hope passou a mão pelos cabelos. Ao contrário de Carolee, estava a experimentar deixá-los crescer e abandonar o formato curtinho que adotara nos últimos dois anos. As pontas escuras e brilhantes chegavam-lhe agora ao queixo, num comprimento intermédio que a irritava.

— Vou ver se a Donna e o Max precisam de alguma coisa.

— Eu faço isso — disse Hope. — Quero dar-lhes os bons-dias e depois sou capaz de ir até à livraria para dizer olá à Clare antes que a minha manhã de folga acabe.

— Estive com ela, ontem à noite, no clube de leitura. Está com uma barriguinha adorável. Oh, fiz muita massa, caso os recém-casados quisessem mais panquecas.

— Eu digo-lhes.

Dirigiu-se para a sala de jantar e conversou com os hóspedes enquanto verificava discretamente se havia ainda quantidade suficiente de frutos silvestres, café e sumo.

Depois de se certificar de que os hóspedes estavam satisfeitos, encaminhou-se para o piso superior para ir buscar a mala e cruzou-se com os recém-casados, que entravam pela porta do alpendre traseiro.

— Bom-dia.

— Oh, bom-dia. — A noiva exibia no rosto o brilho de uma manhã de lua de mel bem passada. — O quarto é lindo. Adoro tudo nele. Senti-me uma autêntica princesa.

— Tudo o que vossa alteza desejar — disse Hope, provocando o riso no casal.

— Foi fantástica a ideia de darem aos quartos nomes de casais românticos da literatura e de os terem decorado de acordo com a época.

— Casais com finais felizes — lembrou-a Troy, recebendo um sorriso sonhador da noiva.

— Como nós. Queremos agradecer-lhe por nos ter proporcionado uma noite de núpcias tão especial. Estava tudo como eu queria. Simplesmente perfeito.

— É para isso que estamos cá.

— Mas... estávamos a pensar... Nós tínhamos planeado ir embora daqui a pouco...

— Se quiserem sair um pouco mais tarde, posso tratar disso... — começou Hope.

— Bem, na verdade...

— Nós gostávamos de ficar mais uma noite. — Troy colocou um braço em torno dos ombros de April e puxou-a para si. — Adoramos este lugar. Íamos seguir viagem para a Virgínia, parando pelo caminho, mas... gostamos mesmo daqui. Ficamos com o quarto que estiver disponível, se houver algum.

— Adoraríamos que ficassem connosco e o vosso quarto está disponível esta noite.

— A sério?! — April deu uns pulinhos em bicos de pés. — Oh, é mais do que perfeito! Obrigada.

— O prazer é nosso. Ainda bem que estão a gostar da vossa estadia.

Hóspedes felizes faziam gerentes felizes, pensou Hope enquanto subia apressadamente as escadas para ir buscar a mala. Voltou a descer rapidamente para o seu escritório para alterar a reserva e, com os aromas e vozes atrás de si, atravessou a receção e saiu disparada pelas traseiras.

Contornou o lado do edifício e olhou para a pizaria Vesta, do outro lado da rua. Conhecia os horários de Avery e de Clare quase tão bem como o seu. Avery estaria a preparar tudo para a abertura e Clare devia estar a regressar da consulta que tivera logo cedo.

A ecografia. Com sorte, naquela altura já saberiam se Clare estava à espera da tão desejada menina.

Enquanto esperava pela luz verde do semáforo da esquina, contemplou a rua principal. Ryder Montgomery estava em frente do edifício que a Montgomery Family Contractors se encontrava atualmente a reabilitar. Estava quase concluído, pensou ela, e em breve a vila teria de novo uma padaria.

Ele usava umas calças de ganga rasgadas no joelho esquerdo, salpicadas de tinta, ou reboco, ou qualquer outra coisa utilizada em obras. Usava o cinto de ferramentas preso abaixo da cintura, como o coldre de um xerife de outros tempos, pelo menos a seu ver. Os caracóis escuros desgrenhados eram visíveis sob o boné. Óculos escuros tapavam-lhe os olhos, que ela sabia serem verdes salpicados de ouro.

Ryder disse qualquer coisa a dois dos seus homens, apontou para cima, fazendo um movimento circular com um dedo e abanou a cabeça, tudo isto na sua habitual pose descontraída.

Como a fachada do edifício apresentava uma demão de primário, ela calculava que estivessem a discutir as cores finais.

Um dos trabalhadores soltou uma sonora gargalhada e Ryder respondeu com um sorriso e um encolher de ombros.

Tal como a pose descontraída, o encolher de ombros era mais um dos seus hábitos, refletiu ela.

Os irmãos Montgomery eram interessantes, mas, na sua opinião, as

amigas tinham ficado com o melhor da colheita. Para si, Ryder era um pouco rude e ligeiramente insociável.

E, ok, sexy... de um modo algo primitivo e grosseiro.

Nada o seu estilo, nem remotamente.

Enquanto Hope atravessava a rua, ouviu um assobio longo e estridente. Sabendo tratar-se de uma brincadeira, virou o rosto para a padaria, fez um sorriso sedutor e acenou a Jake, um dos pintores. O homem e o trabalhador ao seu lado acenaram-lhe em resposta.

Mas não Ryder Montgomery, evidentemente, pensou ela. Estava simplesmente de polegar enfiado no bolso a observá-la. Insociável, pensou ela novamente. Não era capaz de mexer um dedo, nem para acenar.

Hope aceitou o leve ardor no baixo-ventre como uma reação natural de uma mulher saudável ao olhar fixo de um homem sexy... apesar de rude.

Especialmente de uma mulher que não tinha qualquer relação com um homem havia... céus, um ano! Um pouco mais de um ano. Mas que importância tinha isso?

Culpa sua, opção sua. Por isso, para quê pensar no assunto?

Ao chegar ao outro lado da rua principal, virou à direita em direção à livraria no preciso momento em que Clare saía para o bonito alpendre coberto.

Acenou novamente com a mão ao ver Clare parada, de mão pousada sobre a barriga ocultada pelo leve vestido de verão. Clare usava os longos cabelos louros presos num rabo de cavalo e uns óculos escuros de armação azul a protegerem o olhar do forte sol matinal.

— Vinha ver como estavas! — gritou Hope.

Clare levantou o telemóvel. — Eu ia mandar-te uma mensagem! — Voltou a guardar o telefone no bolso e deixou ficar a mão enquanto descia os degraus até ao passeio.

— E então? — Hope perscrutou o rosto da amiga. — Tudo bem?

— Sim. Tudo bem. Chegámos há uns minutos. O Beckett... — Olhou por cima do ombro. — Ele foi estacionar nas traseiras da padaria. Trouxe as ferramentas.

— Ok. — Ligeiramente preocupada, Hope pousou uma mão no braço de Clare. — Querida, fizeste a ecografia, certo?

— Sim.

— E...?

— Oh. Vamos até à Vesta. Conto-te a ti e à Avery ao mesmo tempo. O Beckett vai telefonar à mãe e aos irmãos. Eu preciso de ligar aos meus pais.

— Está tudo bem com o bebé?

— Completamente. — Deu umas pancadinhas na mala enquanto caminhavam. — Tenho fotografias.

— Tenho de ver!

— Vou andar a mostrá-las durante dias. Semanas. É espetacular.

Avery saiu pela porta principal do restaurante, um avental branco a tapar-lhe as calças curtas e uma t-shirt. Deu saltos com as suas *Crocs* roxas. O sol refletia nos seus cabelos de rainha guerreira escocesa e fazia cintilar as pontas curtas.

— Estamos a pensar em cor-de-rosa?

— Vais abrir sozinha? — perguntou Clare.

— Sim, estou só eu. A Fran só chega daqui a vinte minutos. Estás bem? Está tudo bem?

— Está tudo completamente, perfeitamente e maravilhosamente bem. Mas quero sentar-me.

Com as amigas a trocarem olhares atrás de si, Clare entrou e foi direita ao balcão para se sentar num banco. — É a primeira vez que estou grávida com três miúdos acabados de entrar em férias escolares de verão. É desafiante.

— Estás um bocado pálida — comentou Avery.

— Apenas cansada.

— Queres beber alguma coisa fresca?

— Com todo o meu ser.

Enquanto Avery se encaminhava para o frigorífico, Hope sentou-se e olhou de sobrolho franzido para o rosto de Clare. — Estás a empatar. Se não se passa nada de errado...

— Não há nada de errado e talvez eu esteja a empatar um bocadinho. É um anúncio muito importante. — Riu-se e aceitou o ginger ale que Avery lhe ofereceu. — E aqui estou eu, com as minhas duas melhores amigas, no bonito restaurante da Avery, que já cheira a molho de piza.

— Seria de esperar numa pizaria. — Avery passou uma garrafa de água a Hope. Depois cruzou os braços e perscrutou o rosto de Clare. — É uma menina. Sapatos de ballet e fitas para o cabelo!

Clare abanou a cabeça. — Aparentemente sou especialista em rapazes. Diz antes, luvas de basebol e figuras de ação.

— Um menino? — Hope debruçou-se e tocou na mão de Avery. — Estás desapontada?

— Nem um bocadinho. — Abriu a mala. — Querem ver?

— Estás a brincar? — Avery tentou agarrar nas fotos, mas Clare tirou o envelope do alcance das mãos da amiga. — É parecido contigo? Com o Beck? Não quero ofender, mas para mim parecem-se mais com um peixe.

— Qual deles?

— Qual deles o quê?

— São dois.

— Dois? — Hope quase se engasgou com a água. — Gémeos? Vais ter gémeos?

— Dois? — ecoou Avery. — Tens dois peixes?

— Dois meninos. Olhem para os meus lindos meninos. — Clare tirou a ecografia do envelope e desatou a chorar. — Lágrimas boas — conseguiu dizer por fim. — São das hormonas, mas são boas. Oh, meu Deus. Olhem para os meus bebés!

— São lindos!

Clare limpou as lágrimas do rosto e olhou para Avery. — Não consegues vê-los.

— Não, mas são lindos. Gémeos. Assim são cinco. Fizeste as contas, certo? Vais ficar com cinco meninos.

— Nós fizemos as contas, mas ainda estamos a assimilar a ideia. Não estávamos à espera... nunca nos passou pela cabeça. Talvez eu devesse ter pensado na possibilidade, porque a barriga está maior do que nas anteriores gravidezes nesta altura. Mas quando o médico nos disse... o Beckett ficou branco. — Clare riu-se, enquanto as lágrimas escorriam. — Branco como a cal. Julguei que ele ia desmaiar. Olhámos fixamente um para o outro e depois desatámos a rir. Rimos como loucos. Acho que ficámos ambos um bocadinho histéricos. Cinco. Oh, Deus do Céu. *Cinco rapazes!*

— Vão sair-se lindamente. Todos vocês — disse-lhe Hope.

— Pois vamos, eu sei. Estou tão maravilhada, tão feliz e tão aturdida. Não sei como é que o Beckett conseguiu conduzir até casa. Eu não seria capaz de vos dizer se viemos de Hagerstown, ou da Califórnia. Estava

em estado de choque, acho. Gémeos. — Pousou as mãos na barriga. — Há um momento na nossa vida em que pensamos: é isto, não voltarei a sentir tamanha felicidade ou emoção. Não voltarei a sentir nada com tamanha intensidade, como neste preciso momento. Para mim, este é um desses momentos.

Hope abraçou a amiga e Avery abraçou as duas.

— Estou tão feliz por ti — murmurou Hope. — Feliz, deslumbrada e emocionada como tu.

— Os miúdos vão ficar doidos com a notícia. — Avery recuou. — Certo?

— Sim. E como o Liam já deixou bem claro que se eu tivesse uma menina ele não ia humilhar-se a ponto de brincar com ela, acho que ele ficará especialmente agradado.

— E a data do parto? — perguntou Hope. — Está prevista para mais cedo, por serem gémeos?

— Um bocadinho. Disseram-me vinte e um de novembro. Então, serão bebés de Ação de Graças e não de Natal, ou de Ano Novo.

— Gluglu, gluglu — disse Avery, provocando novamente o riso em Clare.

— Tens de nos deixar ajudar a montar o quartinho — começou Hope. Planear estava-lhe na massa do sangue.

— Estou a contar com isso. Ainda não tenho nada. Depois do Murphy, dei todas as coisas de bebé que tinha. Nunca pensei que me apaixonaria de novo, ou que casaria de novo, ou que teria mais filhos.

— Podemos organizar um chá de bebé? Tema: diversão a dobrar — decidiu Hope. — Tudo aos pares, conjuntos de dois. Algo do estilo. Vou pensar no assunto. Devíamos marcá-lo para início de outubro, por via das dúvidas.

— Um chá de bebé. — Clare suspirou. — Isto está cada vez mais real. Preciso de ligar aos meus pais e de contar às meninas — acrescentou, referindo-se às empregadas da livraria. Levantou-se. — Bebés de novembro — disse ela. — Por altura do casamento, em maio, já devo ter conseguido livrar-me dos quilos da gravidez.

— Oh, sim, eu vou casar-me. — Avery estendeu a mão e admirou o diamante que substituía o anel da máquina de pastilhas elásticas que Owen lhe colocara no dedo. Duas vezes.

— Vais casar-te e vais abrir um segundo restaurante, ajudar a

organizar um chá de bebé e a transformar o quarto de solteiro do Owen num quarto de casal. — Hope deu uma cotovelada a Avery. — Temos muito que organizar.

— Amanhã posso tirar umas horas.

— Ótimo. — Hope recapitulou mentalmente a sua lista de afazeres, reajustou-a e calculou a hora. — Uma da tarde. Consigo estar livre a essa hora. Por ti pode ser? — perguntou a Clare. — Eu preparava um almoçinho para nós e podíamos adiantar os planos antes da chegada de mais hóspedes.

— Amanhã, à uma. — Clare deu umas palmadinhas na barriga. — Estaremos lá.

— Eu vou lá ter — prometeu Avery. — Se chegar um bocadinho atrasada, foi porque tivemos muito movimento à hora de almoço. Mas eu vou lá ter.

Hope saiu com Clare, deu-lhe mais um abraço antes de se separarem e imaginou-a a dar a feliz notícia aos pais. Imaginou também Avery a enviar uma mensagem a Owen. E Beckett a dar uma escapadela durante o dia para ver como estava Clare, ou simplesmente a tirar uns minutos para estar com ela.

Por instantes também ela desejou ter a quem telefonar, a quem enviar uma mensagem, ou com quem estar. Alguém com quem pudesse partilhar a maravilhosa novidade.

Encaminhou-se para as traseiras do hotel e subiu a escada exterior. Entrou no segundo piso e dirigiu-se para o seu apartamento.

Sim, pensou, conseguia ouvir a voz de Carolee e o seu tom de entusiasmo. Sem dúvida alguma, Justine Montgomery já telefonara à irmã a partilhar a notícia dos gémeos.

Hope fechou-se no apartamento. Decidiu que passaria umas horas em silêncio, a investigar a fantasma residente e o homem chamado Billy por quem ela esperava.



## CAPÍTULO DOIS

**A**mãe estava a dar com ele em doido. Se lhe aparecesse com mais algum projeto antes de ele concluir um da meia dúzia que tinha em mãos, Ryder seria bem capaz de pegar no cão e mudar-se para Barbados.

Podia construir uma simpática casinha de praia. Talvez um alpendre. Tinha capacidades para tal.

Estacionou a pick-up no parque de estacionamento nas traseiras do hotel, o seu primeiro grande projeto concluído — graças a Deus — mas que parecia nunca estar terminado porque havia sempre mais alguma coisa para fazer. O hotel partilhava o parque de estacionamento com o que, de acordo com a conspiradora Justine Montgomery, seria um bonito, elegante e moderno centro de fitness.

Naquele momento, não passava de um mamarracho verde, de telhado plano com infiltrações. E isso era apenas o exterior. O interior apresentava um labirinto de assoalhadas, uma cave cheia de água, escadas saídas de um filme de terror e tetos a desabar. Para não falar no péssimo estado do sistema elétrico e das canalizações, que teriam pura e simplesmente de ser refeitas na totalidade.

Parte dele queria entrar furtivamente numa máquina gigante, uma noite qualquer, e demolir o maldito edifício. Mas ele sabia que tal não era possível e admitia que gostava de desafios.

E era um senhor desafio.

Contudo, como o informara o sempre fiável Owen por mensagem, já tinham a licença para a demolição e pelo menos podiam começar a desmantelar o interior.

Ryder deteve-se um momento com o seu alegre e afável cão, *Pateta*, ao lado, enquanto Lady Gaga cantava sedutoramente *The Edge Of Glory*. A miúda era muito esquisita, pensou Ryder, mas tinha uma boa voz.

Juntos, contemplavam o mamarracho verde. Ryder adorava demolir. Dar pancada em paredes deixava-o sempre bastante satisfeito. Já era alguma coisa. E o trabalho de transformação daquela coisa horrorosa seria interessante.

Um centro de fitness. Ele não entendia as pessoas que se agarravam a máquinas e não iam a lado nenhum. Porque não fazer alguma coisa construtiva que fizesse suar? Um ginásio, sim, mas com sacos de boxe, um ringue e pesos a sério. Mas centro de fitness soava-lhe a coisas para miúdas. Tipo ioga e aquela coisa do pilates.

E mulheres com aqueles fatinhos justos, pensou. Sim, isso também. Tal como uma demolição, quem não gostaria disso?

De qualquer maneira, de nada valia ficar a matutar no tema. Era um assunto encerrado.

Saiu da pick-up e *Pateta*, sempre fiel, seguiu ao seu lado.

Também não conseguia perceber por que motivo estava tão taciturno. O projeto da padaria estava quase concluído, só faltavam alguns acabamentos e a pintura, o MacT's estava a correr muito bem... e ele estava deseioso para se sentar num banco do novo bar de Avery a beber uma cerveja.

Estava também praticamente a finalizar uma remodelação de uma cozinha e Owen estava a tratar de uns encastres para um outro cliente. Trabalho a mais era melhor que trabalho nenhum. Podia construir uma casa de praia em Barbados quando fosse velho.

Ainda assim, sentia-se nervoso e irritado e não conseguia perceber o motivo. Até olhar para o hotel.

Hope Beaumont. Sim, parte do seu nervosismo devia-se a ela.

Ela era uma pessoa muito competente nas suas funções, quanto a isso não havia dúvida. O facto de ser obsessivamente organizada e meticulosa nos detalhes não o incomodava particularmente. Vivera e trabalhara com uma pessoa assim a vida toda: o seu irmão Owen.

Mas havia algo nela que se entranhara sob a sua pele e que tendia a arder de quando em vez desde que haviam trocado um beijo na noite do réveillon.

Fora um acidente, disse para os seus botões. Um impulso. Um impulso accidental. Ele não tencionava repeti-lo.

Mas quem lhe dera que ela fosse uma simples mulher roliça de meia-idade com alguns netinhos e gosto pelo tricô.

— Podia ser, um dia — resmungou Ryder a *Pateta*, que bateu obedientemente com a cauda.

Encolhendo os ombros, atravessou o estacionamento e abriu a porta de serviço do futuro MacT's Restaurante Bar para deixar entrar os trabalhadores da obra.

Ele gostava do espaço, particularmente agora que haviam voltado a juntar os dois edifícios, abrindo, numa das paredes, uma ampla passagem de modo a que os clientes e os empregados do bar e do restaurante pudessem movimentar-se de um lado para o outro.

Avery sabia o que queria e como alcançá-lo, por isso Ryder sabia que o MacT's seria um espaço agradável para comer e beber, e para socializar, para quem gostava de o fazer. Era um bom restaurante para adultos, bastante diferente do estilo descontraído e familiar da Vesta.

Ryder tinha um fraquinho pela pizzeria, e um fraquinho maior ainda pela Piza Guerreiro, mas como Avery andava há meses a experimentar receitas, usando-os como cobaias, ele calculava que seria capaz de deglutar uma ou duas refeições no novo restaurante.

Avançou até à passagem entre os edifícios e estudou o espaço do bar. Havia ainda bastante para fazer, concluiu, mas conseguia visualizar o resultado final, com o longo bar que ele e os irmãos estavam a construir no próprio local. Madeiras escuras, cores fortes, alguns tijolos nas paredes. E tanta cerveja de barril.

Sim, não lhe faria mal passar algum tempo ali e beber com satisfação uma cerveja pelo bom trabalho realizado.

Quando estivesse acabado.

Assim que orientou a equipa, desceu até à padaria para ver como corriam os trabalhos. Se tivesse podido, teria colocado o seu cinto de ferramentas e deitado mãos à obra. Mas tinha uma reunião marcada para o local da nova obra e já estava atrasado.

Quando chegou ao parque de estacionamento das traseiras, viu as

carrinhas dos irmãos. Assumi que Owen tivesse ido buscar café e donuts, para além da licença de demolição. Era possível contar com Owen todos os dias, mesmo no meio de um holocausto nuclear.

Pensou em Beckett, casado com Clare, a louraça, pai instantâneo de três e agora futuro pai de gémeos.

Deus do Céu, gémeos!

Mas podia ser que o entusiasmo da vinda dos gémeos distraísse a mãe e evitasse que ela engendrasse um novo projeto.

Provavelmente, não.

Entrou pela porta que dava para a rua St. Paul e sentiu o cheiro a café.

Sim, podia-se contar sempre com Owen.

Pegou no único copo que restava, que tinha um «R» escrito a marcador pelo meticoloso irmão. Bebeu o café enquanto abria a caixa dos donuts.

A cauda do cão começou a bater agitada no chão.

Ryder ouviu as vozes dos irmãos, algures no labirinto, mas bebeu o café e, depois de ter atirado um pedaço do seu donut recheado a *Pateta*, aproximou-se dos planos estendidos sobre um tampo de contraplacado apoiado em cavaletes.

Já os vira, claro, mas haviam-no deixado de queixo caído. O conceito de Beckett proporcionava à mãe tudo o que ela queria e mais ainda. Sim, pensou, era melhor do que deitar tudo abaixo. Era melhor demolir apenas o necessário e reconstruir o que fosse possível.

Não lhe parecia um ginásio, pelo menos não do tipo com sacos de boxe e balneários a tresandar a suor que ele costumava frequentar, mas era uma beleza.

E tinha trabalho e complicações suficientes para o fazer chamar nomes a Beckett durante semanas, meses. Possivelmente, anos.

Ainda assim...

A ideia de elevar e inclinar o telhado era prático e esteticamente agradável. Transformar em alpendre a sacada de teto plano junto ao parque de estacionamento era também uma ideia inteligente. Muitas superfícies vidradas para a entrada de muita luz com novas janelas e portas. Deus sabia como aquele espaço precisava delas, mesmo que isso implicasse cortar as paredes em alvenaria.

Balneários modernos, com banhos turcos e saunas. A sua mente

básica relutava nesse aspeto, mas Ryder não podia deixar de admitir que gostava de um bom banho turco.

Comeu o donut, lançando pedaços ao entusiasmado *Pateta*, enquanto analisava o rés-do-chão, o primeiro piso e os aspetos técnicos.

Belo trabalho, pensou. Beckett tinha talento e visão, mesmo que, invariavelmente, parte da visão fosse uma complicação ao nível da execução do trabalho.

Empurrou o resto do donut com o café no momento em que os irmãos apareceram vindos do labirinto.

— Licença de demolição.

— Já cá canta — disse Owen. — Bom-dia para ti também. — Os seus óculos de sol pendiam da gola da imaculada t-shirt branca. Como Beckett tencionava que também ele ajudasse na demolição, não ficaria imaculada muito mais tempo.

— Passaste essas calças de ganga, miúda?

— Não. — Os serenos olhos azuis de Owen limitaram-se a olhar para os donuts antes de ele decidir cortar um ao meio. — Estão apenas lavadas. Tenho umas reuniões mais logo.

— Pois. Eh, grande papá!

Beckett sorriu e passou os dedos pelos espessos cabelos castanhos. — Os miúdos querem que os irmãos se chamem Logan e Luke.

— Wolverine e Skywalker. — Divertido, Ryder considerou. — Misturar os X-Men com a Guerra das Estrelas. Escolha interessante.

— Eu gosto. A Clare primeiro riu-se da ideia, mas acho que já está mentalizada. São bons nomes.

— Suficientemente bons para o Wolverine e o Skywalker.

— Acho que vamos aceitar a ideia, que é muito fixe. Mas parece que tenho os ouvidos a zunir, como acontece após uma explosão.

— Dois é apenas mais um do que um — referiu Owen. — É tudo uma questão de planeamento e de organização.

— Porque tu tens muita experiência com pirralhos — disse Ryder com escárnio.

— Tudo é uma questão de planeamento e organização — ripostou Owen. — Falando nisso, vamos dar uma olhada nos planos e na ordem de trabalhos. — Tirou o telemóvel do cinto.

Ryder decidiu comer mais um donut, na esperança de que o açúcar o mantivesse calmo durante a enxurrada de pormenores. Inspeções,

licenças, encomendas e entregas de materiais, esboços, esquemas finais, compras, trabalho na obra.

Ryder tinha também todas essas informações na cabeça, apenas não tão organizadas nem pormenorizadas como Owen. Mas ele sabia o que tinha de ser feito e quando, a que homens devia designar cada tarefa e quanto tempo deveria durar cada passo. No interior do edifício e, dadas as extravagâncias de construção, também no exterior.

— A mãe anda a pesquisar o equipamento — disse Beckett quando Owen se calou por instantes. — Passadeiras rolantes, elípticas, esse tipo de coisas.

— Não vou sequer pensar nisso. — Ryder olhou em redor. As paredes e os soalhos estavam em péssimo estado. Uma autêntica porcaria. Faltava ainda muito tempo para as elípticas, os pesos e os malditos colchões de ioga.

— Talvez fosse bom pensarmos no parque de estacionamento.

Ryder olhou para Owen de sobrolho franzido. — O que é que tem o parque de estacionamento?

— Agora que temos tudo, em vez de fazermos remendos, devíamos arrancar tudo, nivelar, acrescentar sarjetas e repavimentar.

— Raios! — Ryder queria objetar, apenas por uma questão de princípio, mas precisavam da porcaria das sarjetas. — Muito bem. Mas também não vou pensar nisso agora.

— Então em que é que vais pensar?

Em vez de responder, Ryder limitou-se a sair.

— Estará ele mais irascível do que habitualmente? — perguntou Owen.

— É difícil perceber. — Beckett voltou a examinar os planos. — Vai ser uma chatice de trabalho, principalmente para ele, mas vai funcionar.

— O edifício mais feio da vila.

— Sim, leva o prémio. A boa notícia é que qualquer coisa que façamos será para melhor. Assim que chegar o contentor, podemos começar...

Calou-se quando Ryder entrou com uma marreta e um pé-de-cabra.

— Vão buscar os vossos — disse-lhes Ryder e, pousando o pé-de-cabra, escolheu aleatoriamente uma parede. Deu balanço à marreta. O craque forte e inegavelmente satisfatório perfurou o gesso cartonado.

— O contentor... — começou Owen.

— Vem a caminho, não vem? — Ryder voltou a dar com a marreta

na parede. — De acordo com a palavra sagrada da tua sagrada ordem de trabalhos.

— Devíamos ir chamar alguns elementos da equipa — disse Beckett.

— Porque é que não de ser eles os únicos a divertir-se? — Quando a marreta desenhou um novo arco, *Pateta* enfiou-se debaixo dos cavaletes para uma soneca.

— Ele tem razão. — Beckett olhou para Owen, recebendo um encolher de ombros e um sorriso. — Devíamos começar pelo piso superior.

— Esta parede não é de suporte. — Mais uns arremessos e Ryder desfez por completo a frágil parede interior. — Mas, sim. — Apoiou-se na marreta e sorriu para os irmãos. — Vamos destruir esta porcaria toda.

\*

Após alguns dias a ouvir estrondos, a curiosidade de Hope venceu. Com Carolee de serviço — os recém-casados estavam agora no quarto dia da estadia nupcial —, atravessou o parque de estacionamento em direção ao mais recente projeto da família Montgomery. Ela tinha uma razão legítima para os bisbilhotar, mas admitia que o seu principal motivo era a curiosidade.

Hope ouvira muitas marteladas durante todo o dia e sempre que olhava pela janela, via um trabalhador encardido a carregar entulho para dentro de um enorme contentor verde.

Uma mensagem de Avery informara-a de que tivera início a demolição no projetado centro de fitness.

Ela queria ver com os próprios olhos.

Os estrondos aumentavam de intensidade à medida que ela se aproximava e Hope ouviu também gargalhadas masculinas ruidosas através das janelas abertas. Um rock estridente acompanhava-as.

Hope aproximou-se da entrada lateral, ou do que dela restava, para espreitar.

E arregalou os olhos.

Nunca havia estado naquele edifício, mas espreitara pelas janelas e estava convicta de que costumava ter paredes e tetos.

Agora mal restava um esqueleto, um emaranhado de cabos elétricos e enormes montes de pó cinzento.

Cautelosa agora, pois os baques, os craques e os estrondos pareciam abalar toda a estrutura, deu a volta até à parte da frente.

As portas estavam abertas. Seria para arejar?, perguntou-se. Quem saberia?

Uma outra porta, que dava acesso ao que haviam sido os apartamentos do primeiro piso, encontrava-se também aberta. Música, homens e pancadas ressoavam.

Hope avaliou as estreitas escadas sujas e o barulho. Não estava assim tão curiosa, decidiu, e voltou para trás.

Quando contornava o edifício, dois homens, cobertos de pós cinzento e praticamente anónimos com os seus óculos de proteção, as luvas de trabalho e os rostos encardidos, saíram com mais um carregamento de destroços do que fora anteriormente uma parede. Depositaram-no no contentor com um baque surdo.

— Desculpem — começou ela.

Reconheceu Ryder pelo modo como este virou a cabeça e inclinou o corpo.

Ryder puxou os óculos para cima e dirigiu-lhe um dos seus olhares irritados com aqueles impacientes olhos verdes. — É melhor não te aproximares.

— Já percebi. Parece que estão a deixar o edifício reduzido à casca.

— Praticamente. Tens de te manter afastada.

— Sim, já disseste.

— Precisas de alguma coisa?

— Por acaso, preciso. Estou com problema nuns candeeiros... nos apliques de parede. Pensei que se estivesse cá o vosso electricista, ele pudesse...

— Já se foi embora. — Ryder indicou com a cabeça para que o ajudante voltasse para dentro e depois tirou os óculos de proteção.

Parecia um guaxinim com as cores trocadas, pensou Hope, e não conseguiu conter um sorriso. — É um trabalho sujo.

— Muito — respondeu Ryder. — Que tipo de problema?

— A luz não se mantém ligada...

— Trocaste as lâmpadas?

Ela olhou para ele fixamente. — Céus, como é que eu não me lembrei disso?

— Ok. Vou mandar alguém verificar. É tudo?

— Por agora.

Ele acenou-lhe com a cabeça, voltou a entrar no edifício e desapareceu.

— Muito obrigadinha — resmungou Hope para o ar, e regressou ao hotel.

O simples facto de entrar no hotel costumava animá-la. Ver como havia ficado bonito, como cheirava bem... Especialmente agora que os biscoitos de chocolate de Carolee adoçavam o ar. Mas dirigiu-se a passos largos para a cozinha, irritadíssima.

— Qual é o problema daquele tipo?

De rosto corado por estar a cozinhar, Carolee enfiou um tabuleiro de biscoitos no forno encastrado. — Qual tipo, querida?

— O Ryder Montgomery. A especialidade dele é a falta de educação?

— Ele é por vezes um bocadinho abrupto, especialmente quando está a trabalhar. Que é quase sempre. O que fez ele?

— Nada. Foi simplesmente ele mesmo. Sabes aqueles apliques que estão sempre a apagar-se, ou que nem sequer acendem? Fui dizer-lhe o que se passava... podia ter sido qualquer um, mas calhou-me ele. Teve a lata de me perguntar se eu tinha trocado as lâmpadas. Tenho cara de estúpida?

Com um sorriso, Carolee estendeu-lhe um biscoito. — Não, mas eles tiveram uma vez uma inquilina que comunicou um problema e o Ry deslocou-se até lá para descobrir que o problema com a luz era que a lâmpada estava fundida. A mulher, que aparentemente era estúpida, ficou espantada quando percebeu que tinha de trocar a lâmpada.

— Hum. — Hope deu uma dentada no biscoito. — Mesmo assim.

— Mas o que é que se passa lá?

— Estrondos, destruição e muitas gargalhadas.

— Estão a fazer demolição. É divertido.

— Parece que sim. Não tinha percebido que iam deixar ficar apenas o esqueleto. Não se perde nada, mas não me tinha apercebido. — E Hope estava com receio de que o barulho pudesse afetar os hóspedes.

— Devias ver os planos. Já dei uma espreitadela. Vai ficar uma maravilha.

— Não duvido. Eles trabalham bem.

— A Justine já começou a procurar candeeiros e louça sanitária.

O biscoito e Carolee conseguiram mudar o estado de espírito de Hope. — Está no paraíso.

— Ela quer tudo moderno, simples e brilhante. Muitos cromados, disse-me ela. É um só estilo, ao contrário daqui, em que cada quarto tem o seu, mas ainda dá bastante trabalho. Vai ser divertido ver a transformação.

— Pois vai. — Ia, sim, constatou Hope. Não assistira à remodelação do hotel desde o início. Agora veria um outro edifício ser reconstruído, do início ao fim. — Vou tratar de umas coisas antes de começarem a chegar hóspedes.

— Eu vou dar um pulo ao mercado, quando acabar de fazer os biscoitos. Queres acrescentar alguma coisa à lista?

— Acho que está tudo. Obrigada, Carolee.

— Adoro o meu trabalho.

Também ela, pensou Hope quando se sentou à secretária no seu escritório. Um Montgomery difícil não iria estragar isso.

Verificou o email, sorriu diante da mensagem de agradecimento de um hóspede e escreveu um apontamento para não se esquecer de satisfazer o pedido de um futuro hóspede, que solicitava uma garrafa de champanhe para surpreender os pais quando chegassem.

Verificou as reservas, teriam casa cheia no fim de semana, e reviu a sua agenda pessoal.

Quando a florista chegou, subiu para levar os arranjos de flores frescas para o quarto Titania & Oberon. Embora já o tivesse feito, voltou a verificar o quarto para garantir que tudo estava perfeito para receber os novos hóspedes.

Seguindo o hábito e a rotina, dirigiu-se à biblioteca e verificou as luzes; a sua lista de tarefas diárias incluía a verificação de todas as luzes e lâmpadas, muito obrigadinha, Ryder Montgomery. Ao descobrir uma lâmpada fundida, usou o telemóvel para enviar a si mesma essa informação por email, acrescentando uma nota a lembrar que devia levar mais cápsulas de café para a máquina da biblioteca.

Continuou no piso térreo, verificando a sala de estar, o vestíbulo e a sala de jantar. Voltou-se então para a cozinha e teve de conter um grito quando deu com Ryder a comer biscoitos.

— Não te ouvi chegar. — Como é que ele conseguia deslocar-se tão silenciosamente com aquelas botas enormes e pesadas?

— Acabei de chegar aqui. Estes biscoitos são bons.

— A Carolee acabou de os fazer. Ainda deve estar no mercado.

— Ok.

Ele continuou a comer o seu biscoito e a fitá-la, com o cão aos pés de sorriso no focinho. O sorriso do cão levou-a a concluir que também ele havia provado um biscoito.

O homem tinha-se limpado... ou quase. Pelo menos não arrastara com ele pó da demolição.

— Bem. Há um candeeiro com problemas no primeiro piso e outro no segundo. — Virou-lhe costas, assumindo que ele a seguiria.

— Está alguém no hotel?

— Temos hóspedes no W&B, mas saíram, e estão para chegar uns hóspedes para o T&O. Vês? Agora está aceso. — Apontou para o alicate da segunda parede quando chegaram ao cimo das escadas. — Estive ainda agora aqui em cima e estava desligado.

— Hum...

— Olha, podes perguntar à Carolee, se não acreditas em mim.

— Eu não disse que não acreditava em ti.

— Ages como se não acreditasses. — Algo irritada, subiu até ao segundo piso. — Lá está! Apagado, como podes ver por ti próprio.

— Sim, estou a ver. — Ryder aproximou-se, levantou o globo e desentroscou a lâmpada. — Tens uma nova?

— Tenho algumas no meu apartamento, mas não é problema da lâmpada.

Hope tirou uma chave do bolso e abriu a porta do apartamento.

Ryder colocou uma mão na porta, antes que esta se fechasse na sua cara. Não gostava de se intrometer nas coisas dela, mas estava ali; por isso escancarou a porta e deu uma olhada.

O apartamento estava limpo e arrumado, como o resto do hotel. Cheirava bem, também... como o resto do hotel. Não havia nada fora do lugar. Também não havia muitas bugigangas típicas das mulheres, como ele supusera. Muitas almofadas no sofá, mas ele conhecia poucas mulheres que não atafulhassem um sofá e a cama de almofadas. Cores fortes, uns vasos com plantas e velas espessas.

Ela saiu da cozinha e estacou de repente, por isso ele percebeu que lhe pregara mais um susto. Entregou-lhe uma lâmpada nova.

Ele desceu calmamente e colocou-a. E a luz acendeu.

— Não é da lâmpada! — insistiu Hope. — Pus a outra esta manhã.

— Ok.

*Pateta* sentou-se aos pés de Ryder, olhos na porta da Penthouse. A sua cauda abanava.

— Não me venhas com ok. Estou a dizer-te que... Aí está! — disse Hope com um tom de triunfo quando a lâmpada se apagou. — Outra vez. Deve haver algum mau contacto, ou algo de errado com os cabos.

— Não.

— O que queres dizer com não? Acabaste de ver o que aconteceu. — Enquanto ela falava, a porta da Penthouse abriu-se lentamente.

Hope olhou de relance para trás. E percebeu então. Cheirava-lhe a madressilvas, claro, mas já se habituara ao cheiro. — Porque é que ela havia de brincar com as luzes?

— Como é que eu hei de saber? — Levantou os ombros e enfiou os polegares nos bolsos. — Talvez esteja aborrecida. Está morta há bastante tempo. Ou talvez esteja furiosa contigo.

— Não está nada. Não tem motivos para isso. — Hope ia fechar a porta da Penthouse, mas resolveu abri-la. — Estou a ouvir água a correr.

Atravessou o pequeno hall em direção à grande e luxuosa casa de banho. Corria água das torneiras do lavatório duplo, na banheira de hidromassagem e dos jatos do duche.

— Oh, por amor de Deus!

— Isto acontece com frequência?

— É a primeira vez. Vá lá, Lizzy... — resmungou ela, fechando as torneiras do lavatório. — Estou à espera de hóspedes.

Ryder abriu a porta de vidro, desligou o chuveiro e os jatos de água.

— Eu estou a investigar! — Impaciente, Hope fechou a torneira da banheira. — Sei que o Owen também tem feito o mesmo, mas não é exatamente pera doce descobrir uma pessoa chamada Billy que viveu, calculamos nós, durante o século dezanove.

— Se o teu fantasma anda a pregar partidas, não posso fazer nada. — Ryder secou a mão molhada nas calças de ganga.

— O fantasma não é *meu*! O edifício é vosso.

— É tua antepassada. — Com o habitual encolher de ombros, Ryder saiu da casa de banho em direção à porta que dava para a pequena sala de estar. Girou a maçaneta e olhou para trás. — E se dissesses à tua tetr-qualquer-coisa para parar com isto?

— Parar com o quê?

Ryder girou novamente a maçaneta.

— Isto é... — Ela empurrou-o para o lado e tentou abrir a porta. — Isto é ridículo. — Com a paciência completamente esgotada, Hope continuou a girar a maçaneta. Finalmente, levantou as mãos e apontou um dedo. — Faz alguma coisa.

— Como por exemplo...?

Ela franziu o sobrolho e baixou o olhar. — Não tens as tuas ferramentas? Porque é que não tens as ferramentas? Andas sempre com as ferramentas.

— Era apenas uma lâmpada.

A fúria deu lugar a uma ponta de pânico. — Não era uma lâmpada! Eu disse-te que não era da lâmpada. O que estás a fazer?

— Vou sentar-me um bocado.

— Não!

Ao ouvi-la quase gritar, *Pateta* deambulou até um canto e enroscou-se. Fora da linha de fogo.

— Não te atrevas a sentar-te nessa cadeira. Não estás limpo.

— Oh, por amor de Deus. — Mas Ryder contornou a cadeira e abriu a janela. E considerou a logística do telhado.

— Não vás aí para fora! O que farei eu quando tu caíres?

— Ligas para a emergência médica.

— Não. A sério, Ryder. Liga para um dos teus irmãos, ou para os bombeiros, ou...

— Não vou ligar para os bombeiros só porque a porcaria da porta não abre.

Ela levantou as mãos e respirou fundo. Depois sentou-se. — Vou simplesmente acalmar-me.

— Bom começo.

— Não precisas de ser mal-educado comigo. — Desviou o cabelo do rosto... e sim, aquele comprimento intermédio era decididamente irritante. — Não fui eu que tranquei a porta.

— Mal-educado? — Podia ser um sorriso afetado, ou de desprezo, mas saiu-lhe algo entre os dois. — Estou a ser mal-educado?

— Tu levas a má educação a um outro nível. Não precisas de gostar de mim, e eu mantenho-me fora do teu caminho o mais que posso. Mas sou eu que administro este hotel e muito bem, por sinal. Os nossos caminhos têm de se cruzar ocasionalmente. Podias, ao menos, fingir ser educado.

Ryder encostou-se à porta. — Eu não finjo ser coisa nenhuma, e quem te disse que eu não gosto de ti?

— Tu. Sempre que és mal-educado.

— Talvez seja a minha resposta à arrogância.

— Arrogância? — Francamente insultada, ela fitou-o de olhos arregalados. — Eu não sou arrogante!

— Sabes sê-lo na perfeição. Mas é algo natural em ti. — Aproximou-se novamente da janela e olhou para o exterior.

— Foste mal-educado comigo desde o primeiro instante. Precisamente neste quarto, antes de ser um quarto.

Hope lembrava-se perfeitamente do momento, das tonturas, da estranha sensação que se havia apoderado do seu corpo, e como a luz parecera explodir em torno de Ryder.

Não queria pensar nisso.

Irritado, ele virou-se para trás. — Talvez tenha sido por teres olhado para mim como se eu te tivesse dado um soco na cara.

— Eu não fiz isso. Tive apenas uma tontura momentânea... sei lá.

— Talvez por andares sempre de saltos altos.

— A sério? Agora estás a criticar os meus sapatos?

— Estou só a comentar.

Ela produziu um som gutural que lhe pareceu selvagem, levantou-se de um salto e deu um murro na porta. — Abram esta maldita porta!

— Ela vai abri-la quando quiser. Só vais conseguir magoar-te.

— Não me digas o que devo fazer. — Hope não conseguia explicar por que motivo a reação descontraída dele fazia aumentar a sua irritação e a sensação de pânico. — Tu... tu nem sequer dizes o meu nome. É como se não o soubesses.

— Eu sei o teu nome. Para de dar murros na porta. Hope. Vês? Sei o teu nome. Para com isso.

Aproximou-se e cobriu-lhe a mão cerrada com a sua.

E ela sentiu novamente aquela sensação, aquela tontura estranha. Com cuidado, apoiou-se na porta e virou a cabeça para olhar para ele.

Novamente próximos, como haviam estado na véspera do Ano Novo. Suficientemente próximos para Hope conseguir ver as pintas douradas dos olhos verdes dele. Suficientemente próximos para ver a sua intensidade enquanto a avaliavam.

Hope não pretendia encostar-se a ele, mas o seu corpo queria fazê-lo.

Para o evitar, colocou uma mão no peito dele. Estava o coração dele um tanto alterado? Pareceu-lhe que sim. Talvez fosse apenas imaginação sua, para não se sentir sozinha.

— Ela trancou o Owen e a Avery no E&D — recordou Hope. — Queria que eles... — Se beijassem. Se descobrissem. — É uma romântica.

Ryder recuou e o momento quebrou-se como vidro. — Neste momento estás a ser uma chata.

A janela que ele abrira fechou-se sozinha, silenciosamente.

— Eu diria que ela está a tentar dizer alguma coisa. — Mais calma, mais controlada por ele lhe parecer menos, Hope sacudiu os cabelos. — Oh, por amor de Deus, Ryder, beija-me! Não vou matar-te e depois ela deixa-nos sair daqui.

— Talvez eu não goste que as mulheres, mortas ou vivas, me manipulem.

— Acredita que beijar-te não vai ser o ponto alto do meu dia, mas estão hóspedes para chegar a qualquer momento. Ou então... — Tirou o telemóvel do bolso. — Vou ligar ao Owen.

— Não vais ligar ao Owen.

Já o tinha. Deixar que um dos irmãos os fosse tirar dali seria humilhante para Ryder. Beijá-la seria o menor dos males, pensou Hope. Divertida, sorriu para ele. — Podes fechar os olhos e pensar nalguma coisa agradável.

— Engraçadinha. — Ryder aproximou-se dela e pousou uma mão de cada lado da cabeça dela. — Faço isto porque já perdi tempo de mais e quero uma cerveja bem fria.

— Certo.

Ryder inclinou-se e hesitou um instante quase a tocar-lhe nos lábios.

*Não penses*, ordenou Hope a si mesma. *Não reajas. Isto não é nada.*

*Não é nada.*

Foi calor e luz e... oh, de novo aquela sensação desde as solas dos pés até ao topo da cabeça. Ele não lhe tocou, à exceção dos lábios, e ela teve de cerrar as mãos para evitar tocar-lhe, para evitar agarrá-lo e puxá-lo para si.

Mas Hope não conseguiu resistir e deixou-se envolver pelo beijo.

Ele não tencionara fazer mais do que roçar os lábios pelos dela. Como faria com uma amiga, com uma tia, com uma roliça mulher de meia-idade já com netinhos.

Mas entregou-se ao beijo, em demasia. O sabor dela, o seu perfume, a sensação dos lábios colados aos seus...

Não era doce, nem seco, mas algo que ficava misteriosamente no meio. Algo unicamente dela.

Isso — ela — perturbou-o mais do que devia. Mais do que ele desejava.

Afastar-se dela exigiu-lhe um esforço brutal.

Ryder fitou-a durante uns segundos. Depois ela expirou, abriu as mãos e experimentou a maçaneta.

— Pronto. — Hope abriu a porta. — Resultou.

— Põe-te a mexer antes que ela mude de ideias.

Assim que saíram da Penthouse, ele foi direito à lâmpada que agora brilhava alegremente, apanhou o globo do chão e colocou-o no aplique.

— Pronto. — Ryder não saiu do lugar e fitou-a longamente.

Hope ia começar a falar, mas ouviu a campainha da porta.

— Chegaram os meus hóspedes. Tenho de...

— Vou sair pelas traseiras.

Ela anuiu com a cabeça e desceu apressadamente as escadas.

Ele ouviu o clique dos saltos dela na madeira e respirou fundo.

— Não me voltes a fazer uma destas — disse ele. Com o cão fielmente no seu encaço, Ryder afastou-se do aroma a madressilvas e de Hope.